



---

# LIVRO DE ROMANOS

## COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 5



*Pr. Lúcio Mauro Silva Lima*



## COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 5

5:1

**“Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;”**

A PAZ COM DEUS é uma BENÇÃO COORDENADA à JUSTIFICAÇÃO. A **justificação** contempla nossa aceitação diante de Deus como justos; e a **paz com Deus** contempla a nossa restauração ao favor e à luz do rosto divino, ou seja, denota o restabelecimento do nosso relacionamento com Deus. A **paz de coração e mente** que ocorre na vida de todos os salvos é **o reflexo, em nossa consciência**, do relacionamento restabelecido pela justificação, isto é, da certeza de haver Deus nos reconciliado consigo mesmo. A mediação de Cristo é dispensada na **outorga dos privilégios** que procedem da justificação, e isto nos lembra que a nossa dependência em relação à mediação de Cristo jamais é suspensa. Todas as bênçãos espirituais encontram-se em Cristo, mas somente são usufruídas através de sua contínua atividade mediadora.

É importante frisar que a “paz com Deus” se constitui na **primeira bem-aventurança da justificação**. Assim, “justificação” e “reconciliação” andam juntas, pois Deus não nos declara justos sem ao mesmo tempo dedicar-se a nós em amizade e sem estabelecer a paz entre nós e Ele.

O apóstolo também nos afirma que “temos paz com Deus” como uma POSSE PRESENTE, isto é, nós não “teremos” paz com Deus, mas já a “POSSUÍMOS”, desde que justificados por seu Filho. Isto deve ser frisado porque Satanás sempre procura nos roubar essa PRIMEIRA BENÇÃO, oriunda da nossa justificação operada por Cristo.

5:2

**“Por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.”**

**“Por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso** (prosagwgh *prosagoge*=introdução, aproximação), **pela fé, a esta graça...**” Nossa reconciliação com Deus está subordinada a Cristo, pois sem Cristo somos, por natureza filhos da ira. Porém esta graça nos é comunicada pelo evangelho, visto ser ele o MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO.

**“...Na qual estamos firmes** (isthmi *histemi*=tornar firme, fixar, estabelecer);”. O crente justificado não foi apenas perdoado no sentido de que sua merecida punição recebeu indulto, ele desfruta de uma bênção muito mais



grandiosa de algo que é muito mais do que uma simples aproximação periódica de Deus, ou de uma audiência ocasional com o rei. Nós temos o privilégio de viver no templo ou no palácio (*“na casa de meu Pai, há muitas moradas [mone=quartos] [Jo 14.2]*). Nossa relação com Deus, que nos foi possibilitada pela justificação, não é esporádica, mas contínua; não é precária, mas uma relação segura. Nós não vivemos caindo nas graças de Deus e depois perdendo o seu favor. Não! Nós estamos firmes nela, pois essa é a natureza da graça (Rm 8.38).

**“...e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus.”**A justificação obtida por Cristo na cruz faz o crente entrar em um ESTADO DE GRAÇA que se manifesta em **paz e alegria**. Paz e alegria são as bênçãos gêmeas do Evangelho, quem é convertido a Cristo, imediatamente experimenta essas duas bênçãos. Nas palavras de um velho pregador escocês, **“PAZ É ALEGRIA EM REPOUSO; ALEGRIA É PAZ A DANÇAR”**. O OBJETO

da nossa esperança é a GLÓRIA DE DEUS, ou seja, seu radiante esplendor que, um dia, se manifestará em toda a sua plenitude. Sua glória já se manifesta continuamente nos céus e na terra (Sl 19.1; Is 6.3). Ela já se manifestou de maneira única e incomparável na pessoa de Jesus Cristo, o Verbo encarnado (Jo 1.14; 2.11), e especialmente em sua morte e ressurreição (Jo 12.23). Um dia, porém, a cortina se erguerá e a glória de Deus será inteiramente desvendada. Primeiro o próprio Jesus Cristo há de aparecer com grande poder e glória (Mc 13.26; Tt 2.13). Então os seres humanos redimidos, que foram criados para serem “imagem e glória de Deus” (I Co 11.7; Gn 1.26; 9.6; Tg 3.9), mas que por causa do pecado carecem da glória de Deus (Rm 3.23), irão participar novamente e PLENAMENTE da sua glória (I Jo 3.2; Rm 8.17). Por isso os crentes exultam na GLÓRIA DE DEUS. Os frutos da justificação têm relação com o passado, o presente e o futuro. Nós “temos paz com Deus” (como resultado de nosso perdão passado); “estamos firmes na graça” (nosso privilégio presente). E “nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (nossa herança futura). Paz, alegria, esperança e glória bem-aventuranças advindas da justificação.

5:3

**“E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança.”**

As tribulações mencionadas aqui não são aquelas experiências que nós às vezes chamamos de “provações e tribulações” de nossa existência terrena, referindo-se às nossas dores, temores, frustrações, privações e desapontamentos. A palavra usada é *thlipseis* (literalmente, “pressões”) e refere-se especificamente a oposição e perseguição por parte de um mundo hostil. *Thlipsis* era quase um



termo técnico relativo aos sofrimento que o povo de Deus deveria experimentar nos últimos dias, antes do fim (Mc 13.19,24; Ap 7.14). Assim preveniu seus discípulos de que “neste mundo” eles haveriam de ter “aflições (*thlipsis*)” (Jo 16.33), e Paulo, de semelhante forma, advertiu seus convertidos dizendo-lhes que “é necessário que passemos por muitas tribulações (*thlipsis*) para entrarmos no Reino de Deus”(At 14.22).

Qual é a atitude que se espera dos cristãos em face dessas “tribulações”? Longe de meramente suportá-las, nós devemos *regozijar-nos* (*kauchaomai* = gloriar-se em algo) nelas. Mas isso não é masoquismo. É antes reconhecer que na economia divina, o sofrimento faz parte do caminho para a glória, pois foi assim com Cristo; e assim será com os seus discípulos. Como Paulo irá expressar logo adiante, nós somos “co-herdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos para que também participemos da sua glória” (Rm 8.17). É por isso que devemos nos gloriar tanto nos sofrimentos, como nas glórias do porvir.

“...**A tribulação produz perseverança** (*hupomene*=estabilidade, constância). Sem sofrer nós nunca aprenderíamos a ser perseverantes, pois sem o sofrimento não haveria nada para suportar. Fica claro que este não é o efeito natural da tribulação, a qual, leva o ser humano a murmurar contra Deus, e até mesmo amaldiçoá-lo. Mas quando a consolação e a submissão que são comunicadas pelo Espírito Santo alcançam o homem a tribulação passa a gerar perseverança na vida do cristão.

5:4

**“E a perseverança, experiência(dokimh dokime= aprovado, caráter provado); e a experiência, esperança”.**

A perseverança produz caráter aprovado. *Dokime* é a qualidade de uma pessoa que foi provada e passou no teste. Assim como o fogo purificador (“e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro.” Zc 13.9) do ourives livra o ouro e a prata das impurezas que o estado natural se lhes adere (Is 1.25; Ml 3.3), assim também a perseverança dos filhos de Deus os purifica, ou seja, pela operação do Espírito Santo seu caráter é “provado”.

**“E a experiência, esperança”.** O último elo da corrente que é o *caráter aprovado* produz *esperança*. O apóstolo descreveu um círculo que começou com a esperança e que terminou na esperança. Gloriamo-nos nas tribulações porque elas têm uma orientação escatológica, ou seja, elas apontam para uma glória vindoura a qual os sofrimentos do tempo presente são evidências da sua futura realização.



5:5

**“Ora, a esperança não confunde (kataiscunw kataischuno= desonrar, humilhar, envergonhar) , porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado”.**

Essa esperança, não falha, não envergonha, não desaponta. Mas como se pode ter certeza disso? Qual é a base que alicerça a nossa esperança cristã, nossa esperança de glória? É o amor inabalável de Deus. Mas como é que se pode ter certeza do amor de Deus? Paulo menciona duas importantes maneiras pelas quais podemos ter certeza de que Deus nos ama. A primeira, exposta nesse verso, é que Deus *derramou seu amor em nossos corações, pelo Espírito Santo que ele nos concedeu*. Esta é a primeira menção que se faz em Romanos sobre a obra do Espírito Santo na vida do cristão; e ela nos ensina algumas lições muito importantes. A primeira lição é que o Espírito Santo é uma dádiva de Deus para todos os crentes, de forma que é impossível ser justificado pela fé sem que ao mesmo tempo sejamos habitados pelo Espírito Santo. A segunda lição é que o Espírito Santo nos foi dado em um tempo específico (*dothentos*, um tempo aoristo[ação pontual (*morreu*); fato passado, anterior a outro tb. passado), ou seja, no momento que costumamos chamar de nossa “conversão” ou no momento em que fomos justificados. A terceira lição é que um dos ministérios do Espírito Santo consiste em *derramar o amor de Deus em nossos corações*. E O Espírito de Deus faz de tal maneira que, ao derramá-lo pela primeira vez, gera-se um fluxo permante em nossos corações (*ekcew ekcheo* ou *ekcunw ekchuno* [está no tempo perfeito]=despejar, derramar). O genitivo (caso que exprime a relação de posse entre um nome e seu complemento ou adjunto) da expressão “amor de Deus” deixa claro que o que está em questão é o amor de Deus por nós e não o nosso amor por Ele. O que o Espírito Santo faz é proporcionar uma profunda consciência de que Deus nos ama. É muito semelhante a declaração de Paulo de que *“o próprio Espírito testemunha ao nosso Espírito que somos filhos de Deus”* (Rm 8.16). Existe pouquíssima diferença ou nenhuma entre Deus assegurar-nos Sua paternidade e assegurar-nos do Seu amor.

5:6

**“Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos (asyenhv asthenes= lit. sem força >formado de *a*, elemento de negação, e *sthenos*, “força”), morreu a seu tempo (kairov kairos= tempo certo, oportuno ou próprio, fig. o tempo de Deus) pelos ímpios (asebhv asebes= lit. aquele que não reverencia a Deus)”.**



Deus tem uma segunda maneira de nos assegurar o seu amor, e é a seguinte: que ele provou o seu amor na morte de Cristo na cruz. Paulo já havia dito anteriormente (Rm 3.25) que Deus demonstrou sua justiça na cruz. Entretanto a maravilha desse amor não consiste somente no fato de Cristo O JUSTO, O VERBO ENCARNADO, O FILHO DE DEUS ter morrido, mas no fato de Jesus morrido pelos ÍMPIOS. E não somente isso. Quando Cristo morreu pelos ímpios estes ainda eram fracos (*asynhv asthenes*= lit. sem força), ou seja, ainda se achavam em miséria e pecado. Portanto o amor do qual a morte de Cristo é a expressão e a provisão é um amor exercido para com pessoas ímpias (*asebhv asebes*), ou seja, pessoas que davam as costas, que não reverenciavam, que desprezavam a Deus, e sem forças para vencerem o pecado. Não se trata de um amor provocado por qualidades recomendáveis nestas pessoas. É um amor ANTECEDENTE. Não é um amor COMPLACENTE com o pecado, pois o mesmo foi tratado na cruz. É uma amor motivado e incentivado pela BONDADE E JUSTIÇA de Deus.

A morte de Cristo teve lugar “a seu tempo”( *kairov kairos*= tempo certo), isto é, no tempo conveniente e adequado, no tempo do nosso desamparo, no tempo da miséria do homem, na plenitude do tempo (Gl 4.4). Assim sendo a morte de Cristo pertence à época consumadora da história deste mundo, época para a qual convergem todos os outros tempos e na qual o propósito divino alcança sua realização para todas as eras.

5:7

**“Difícilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer”.**

De fato é uma ocorrência muito rara entre os homens a morte de alguém em favor de um justo, embora ocasionalmente possa vir acontecer. Mas mesmo admitindo que tal coisa seja possível, não se achará ninguém disposto a morrer por um ímpio, como Cristo fez. Deste modo, a passagem emprega uma comparação a fim de ampliar o que Cristo fez por nós, visto não existir no seio da humanidade um exemplo tal de bondade como a que o Messias demonstrou.

5:8

**“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.”**

O verbo provar (*sunistaw sunistao*= firmar junto, fixar junto, provar) contém mais de um significado. O mais adequado aqui é o que denota confirmação. O objetivo do apóstolo é de estabelecer a confiança e a segurança de nossas almas. Deus, pois, *confirma*, ou seja, declara que seu amor para conosco é multíssimo



sólido e verdadeiro, visto que não poupou a Cristo, seu próprio Filho, por amor aos ímpios.

5:9

**“Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.”**

Os versos 9 e 10 correm paralelos. O primeiro se ocupa de nossa CONDIÇÃO LEGAL com Deus (pela justificação somos declarados justos); o segundo, de nossa RELAÇÃO PESSOAL com Ele. Paulo aplica nessa doutrina a comparação entre o maior e o menor: se Deus realizou o maior (nossa justificação pelo sacrifício de Cristo), não estará Ele ainda mais disposto a realizar o menor (nossa salvação)?

**“...Sendo justificados pelo seu sangue...”**. A justiça divina demanda punição para o pecador. Portanto nossa justificação demandou a morte substitutiva de Cristo, na qual seu sangue foi vertido. O sangue de Jesus é dotado de efeito justificador ou virtude justificadora. Assim sendo Deus assegura a justificação daqueles que foram cobertos por meio da aspersão do sangue do Senhor Jesus.

**“...Seremos por ele salvos da ira”**. Aqui neste verso está em questão a manifestação do juízo do fim dos tempos, ou seja, os justificados por Jesus serão totalmente livres dos efeitos da ira vindoura de Deus (conseqüências da justa indignação de Deus contra o pecado). Em I Tessalonicenses 1.10 Jesus é chamado de *“nosso Libertador da ira vindoura”*. Os que foram declarados justos por Deus podem já alegrar-se por sua libertação da ira vindoura, não há qualquer condenação reservada para aqueles que estão em Cristo Jesus. (*“Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançara a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo”* I Ts 5.9).

5:10

**“Porque, se nós, quando inimigos (ecyrov echthros= hostil), fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”.**

Neste verso é enfatizada nossa relação pessoal com Deus. O verso anterior fala da nossa JUSTIFICAÇÃO (condição legal), isto é, o Juiz de toda a terra nos declarou justos enquanto que o presente verso fala da nossa RECONCILIAÇÃO, ou seja, O Pai nos acolheu em seu lar, fomos adotados por Deus, passamos a fazer parte da Sua família, etc. Portanto se Deus nos reconciliou (katallassw *katallasso*= voltar a ter o favor de) consigo mesmo quando ainda éramos seus inimigos (ecyrov echthros= hostil, que destesta e se opõe a outro), quanto mais Ele haverá de fazer



concretizar definitivamente a nossa salvação, agora que somos seus amigos reconciliados. Fundamentados nisso ousamos afirmar que seremos salvos.

**“...Pela sua vida”.** “Sua vida”, não é a vida de peregrinação de Cristo neste mundo, nos dias da sua carne, mas sua vida ressurreta, ou vida de exaltação estando à destra de Deus, tendo todo o poder a Ele confiado e fazendo intercessão por nós (8.34).

5:11

**“E não apenas isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por intermédio de quem recebemos, agora, a reconciliação”.**

O raciocínio exposto aqui por Paulo, seria que não somente a reconciliação, mas também o fato de que agora nos regozijamos em Deus por meio do Senhor Jesus, seriam *marcas* da nossa justificação e conseqüente salvação futura – nosso presente regozijo em Deus é uma garantia adicional de nossa futura salvação.

A exultante alegria em Deus aqui mencionado é algo que ocorre no presente, como fruto da percepção das implicações (indizíveis privilégios) decorrentes da nossa *nova posição* advinda da reconciliação com Deus obtida por Cristo.

5:12

**“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”.**

O assunto do verso 12 é o pecado e a morte, e nele Paulo descreve três passos descendentes, três estágios de deterioração na história humana.

PRIMEIRO, o pecado entrou no mundo por um homem. Apesar de ele não mencionar o nome de Adão é óbvio que Paulo está se referindo a ele. A preocupação de Paulo não é com a origem do mal em termos gerais, mas apenas com a forma como este invadiu o mundo. Ele entrou através de um homem, por causa de sua desobediência, Eva também estava envolvida na história; só que Paulo, aqui, deixa-a fora do quadro, porque para ele o responsável foi Adão.

SEGUNDO, a morte, entrou no mundo pelo pecado. Assim como Adão foi a porta pela qual o pecado entrou, assim o pecado foi a porta pela qual entrou a morte. Esta é uma alusão a Gn 2.17 e 3.19, onde se diz que a morte (tanto física quanto espiritual) foi a penalidade dada pela desobediência.

TERCEIRO, a morte sobreveio a todos os homens, porque todos pecaram. Isto significa dizer que todos pecaram em e através de Adão, o representante ou cabeça da raça humana, e, conseqüentemente todos morreram. Este raciocínio se



confirma pela *analogia entre Adão e Cristo*, e entre aqueles que estão em Adão e os que estão em Cristo. Desde o início da epístola Paulo vem tentando inculcar uma idéia básica, ou seja: o motivo pelo qual Deus aceita o pecador não é o próprio pecador, mas o mérito de Cristo. E a correspondência entre Cristo e Adão confirma esta verdade. Logo Assim como nós fomos condenados pelo que Adão fez, assim somos justificados por causa do que Cristo fez. Logicamente quando nós estamos “em Adão” manifestamos de modo absoluto a natureza decaída e pecaminosa de Adão e quando estamos “em Cristo” parcialmente (*parcialmente durante nossa vida terrena, pois a nossa salvação acontece em três etapas: Justificação, santificação e glorificação*) manifestamos o caráter de Jesus. Não manifestamos plenamente porque ainda que o nosso espírito tenha sido revivido pelo Espírito Santo, também habitamos um corpo contaminado pelo pecado (*ainda não alcançamos a glorificação*). Este entendimento também é corroborado pelo relato bíblico de que Levi pagou dízimos na pessoa de Abraão a Melquisedeque (Hb 7.9) e também pelo fato da Bíblia afirmar que os filhos de Israel terem pecado quando Acã furtou parte do tesouro de Jericó.

5:13

**“Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei”.**

**“Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo...”** Uma vez que o pecado conseguiu entrada na família humana, seguiu-se a morte. A sentença passada contra Adão, *“no dia que dela comeres certamente morrerás”* (Gn 2.17), foi executada em seus descendentes, embora – enquanto não foi dada a lei – não houvesse um mandamento positivo (objetivo) a ser transgredido, como havia para a Adão.

**“...Mas o pecado não é levado em conta** (ellogew ellogeio= colocar na conta de alguém, lançar no livro razão) **quando não há lei”**. Apesar disso, o pecado penetrava tudo, e tinha efeito mortal, mesmo na ausência de qualquer mandamento positivo (objetivo) incluindo penalidade. O pecado se manifesta na forma de transgressões específicas quando há mandamentos específicos sujeitos a serem transgredidos. Portanto no período posterior a Adão e anterior a Moisés, as pessoas não eram responsabilizadas de pecado no sentido de “quebra de um mandamento” pelo simples fato de ainda não existirem objetivamente tais mandamentos. Antes da lei o pecado ainda não tinha sido definido ou identificado não sendo, portanto “considerado” como violação específica de algum mandamento.



5:14

**“Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir.”**

Mesmo sem lei, a morte reinou universalmente. Todas as pessoas que viveram entre Adão e Moisés não morreram em função de seus atos pecaminosos contra a lei mosaica (a qual eles ainda não tinham) ou qualquer outra lei objetiva, mas em decorrência de sua própria natureza pecaminosa adâmica.

**“...O qual prefigurava (tupov *tupos*=marca, impressão) aquele que havia de vir.”** Isto é, Adão, o primeiro homem, é uma figura ou “tipo” de Cristo, que Paulo em outro texto chama de “o último Adão” (“*adamus postremus*”, *como era conhecido o messias na literatura rabínica*) e “o segundo homem” (I Co 15.45,47). Cristo corresponde a Adão no sentido antagônico: 1) o ato de Adão foi uma **ofensa** (literalmente queda), um extravio deliberado enquanto a ação de Cristo foi uma **graça**; 2) o pecado de Adão resultou na **condenação e morte**, ao passo que a ação da graça de Cristo trouxe **justificação e vida**; 3) Adão é caracterizado pela **desobediência** enquanto Cristo é caracterizado pela **obediência**.

“RELAÇÃO ANTITÉTICA ENTRE ADÃO E CRISTO”

| ADÃO (Tipo)      | CRISTO (Antítipo) |
|------------------|-------------------|
| OFENSA           | GRAÇA             |
| CONDENAÇÃO/MORTE | JUSTIFICAÇÃO/VIDA |
| DESOBEDIÊNCIA    | OBEDIÊNCIA        |

5:15

**“Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa (*paraptwma paraptoma*=queda, cair ao lado); porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos.”**

O dom (*carisma charisma*=favor que alguém recebe sem qualquer mérito próprio) é muito diferente do pecado de Adão: O dom ao qual Paulo se refere é a **NOVA VIDA** ou **VIDA ETERNA** que Deus concede àqueles que confiam em Jesus Cristo, o único que trouxe perdão e tornou os pecadores aceitáveis diante de Deus. Este “dom de vida” é **IMENSURAVELMENTE** maior, pois ele é mais



abundante (perisseuw *perisseuo*=ter em excesso, sobrar, algo que transborda), que a condenação e morte oriunda de Adão. Este dom só foi possível pela graça (cariv *charis*=boa vontade, amável bondade, favor) de Jesus Cristo.

Os dois “muitos”, literalmente “os muitos” (poluv *polus*=numeroso, muito, grande) neste verso referem-se a dois grupos. O primeiro “muitos” inclui todos os que se tornaram sujeitos a morte como resultado do pecado de Adão, ou seja, a descendência de Adão. O segundo “muitos” refere-se aos que se tornaram membros da nova criação ou geração, da qual Cristo é o cabeça, isto é, os da “descendência” de Cristo.

Nós estamos em Adão por nascimento e em Cristo pela fé. Em Adão pelo nascimento estamos condenados e morremos, mas devido a obra redentora de Cristo podemos ser justificados e vivermos, se estivermos nEle pela fé.

5:16

**“O dom (dwrhma *dorema*=dom, dádiva, benefício), entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação.”**

O livre dom não está na mesma escala em que está o efeito do pecado de Adão, pois no caso deste *o julgamento de Deus veio por um pecado*; no caso de Cristo O FAVOR DE DEUS (*dorema*) opera uma “aritmética” diferente já que decorreu de muitas transgressões. Pelo nosso modo de pensar secularizado, era de se esperar que muitos pecados atraíssem mais julgamento do que um único pecado. A graça foi suficiente para todos os pecados daqueles que confiaram em Cristo.

5:17

**“Se, pela ofensa (paraptwma *paraptoma*= queda, cair ao lado) de um e por meio de um só, reinou a morte (yanatov *thanatos*), muito mais os que recebem a abundância(perisseia *perisseia*=mais do que o necessário) da graça e o dom (dwrea *dorea*=presente) da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.”**

Mais uma vez são contrapostos *um só homem*, Adão, e *um único homem*, Jesus Cristo, assim como os resultados finais de seus atos, referidos neste verso como MORTE e VIDA. Neste versículo é ressaltada a superioridade da obra de Cristo. Por um lado recebemos a informação de que *a morte reinou*. Por outro lado, é nos dito que através de Cristo *a vida reinou*. As palavras *muito mais (pollo mallon)*, junto com a referência à *imensa provisão da graça e a dádiva da justiça [de Deus]*, alertam-nos a esperar por uma benção ainda maior, ou seja, que os



receptores da abundante graça de Deus REINARÃO EM VIDA (zwh zoe=vida no sentido de princípio, no sentido absoluto). Antes a morte era o nosso rei e nós éramos escravos, totalmente sujeitos a sua tirania. O que Cristo fez por nós não foi só trocar o reino da morte por um reino muito mais suave, o reino da vida, deixando-nos ainda na condição de súditos. Pelo contrário ele nos liberta tão radicalmente do domínio da morte que nos capacita a trocar de lugar com ela e passar a dominá-la, ou seja, reinar em vida. Nós nos tornamos reis, PARTICIPANTES DO REINADO DE CRISTO, tendo agora debaixo de nossos pés até a própria morte, que um dia será destruída.

O dom da justiça (*doreas dikaiosune*), refere-se à outorga da justiça de Cristo às nossas vidas.

5:18

**“Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.”**

Este verso não ensina que todos acabarão sendo salvos no fim, mas que a salvação está a disposição de todos. Para ser eficaz o PRESENTE precisa ser aceito. Portanto Paulo explica que a graça é comum a todos os homens não porque de fato e de verdade se estenda a todos, mas porque é oferecida a todos. Embora Cristo tenha sofrido pelos pecados do mundo inteiro, e sua graça seja oferecida a todos os homens sem distinção, todavia nem todos o recebem.

**“...Justificação que dá vida.”**A justificação que vem de Cristo não é apenas uma declaração forense, ou sentença judicial (*dikaiwma dikaioma*) que nos livra da morte, mas uma justificação (*dikaiwsiv dikaiosis*) que injeta em nós a vida verdadeira que é uma vida de justiça, uma vida semelhante a de Cristo.

5:19

**“ Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos.”**

Paulo expõe aqui o caráter da justiça de Cristo ao referir-se a ela em termos de OBEDIÊNCIA (*upakoh hupakoe*). Tal revelação do caráter da justiça de Cristo, aos salvos imputada, nos ensina duas verdades: Primeiramente que caso queiramos ser justificados pelas obras, a saber a obediência à lei, deveremos praticá-la como Cristo, isto é, de modo absoluto; e em segundo lugar que só quando seguimos o que Deus nos ordenou é que verdadeiramente o adoramos e rendemos obediência a sua palavra. Portanto não devemos nos enganar com



qualquer outro tipo de “compensação” que possamos criar, achando que estamos agradando a Deus, mesmo não obedecendo-o completamente.

5:20

**“Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,”**

O que o apóstolo afirma neste verso confirma o que ele já havia dito, ou seja: que o pecado existiu antes que a lei fosse promulgada. Então uma com que propósito a lei nos foi dada? Paulo nos responde em seguida: “para que avultasse (pleonazw pleonazo=aumentar, fazer crescer, encher) a ofensa”, isto é, para que o pecado pudesse sobressair. Portanto a lei funcionou como uma “LENTE DE AUMENTO” para o pecado que já existia (os homens já se encontravam mortos em seus delitos mesmo antes da lei), para tornar mais nítido aos homens as suas transgressões.

Deus, entretanto, havia tomado amplas providências para lidar com esse aumento do pecado, como? Aumentando ainda mais sua graça, pois *onde abundou o pecado, superabundou* (uperperisseuw hyperperisseuo= abundar excessivamente, transbordar excessivamente) *a graça*.

5:21

**“A fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.”**

“O reino do pecado” exerce seu domínio por meio da morte já “O reino da graça” domina pela graça de Cristo promovendo nos pecadores tanto justiça como vida eterna. Portanto tão logo a graça de Cristo começa a prevalecer nos indivíduos, o reinado do pecado e da morte também cessa, sendo substituídos pela justiça e vida de Cristo.